

BIOGRAFIAS

Carla Vitoriana Silva

Como é por que trazer de volta a biografia para a sala de aula? Não seria exagero afirmar que, hoje, muitos dos professores brasileiros sentiriam um calafrio só de pensar em utilizar biografias como tema de ensino. Isso porque, quando eles próprios estavam na escola, uma das formas de estudar História era decorar datas e fatos relacionados aos heróis nacionais.

Mas nem tudo o que é "velho" é necessariamente ruim. Se bem empregada, a biografia se torna um elemento a favor do professor dinâmico, que deseja despertar em seus alunos o interesse pela História e ajudá-los no processo de aquisição de conhecimento.

A palavra biografia significa, em várias línguas ocidentais, a escrita de uma história de vida. E nesse sentido, a era empregada na Antiguidade clássica, de onde vem um modelo ainda utilizado, a obra de Plutarco sobre a vida de Alexandre, o Grande. Essa, no entanto, e a mais simples e direta das definições da biografia, o relato da vida de uma pessoa. Uma definição simples para um gênero complexo, que dialoga com diferentes áreas do saber, da História ao Jornalismo, passando pela Literatura e a Psicologia.

É por esse gênero de literatura, inseridas apenas, mas não exclusivamente, as que tratam de biografias um modo extremamente interessante de trabalhar para a sala de aula. A ideia é ser bastante específica, ao mesmo tempo, e generalizando o interesse pela vida real, com o intuito de trabalhar

Biografia e historiografia

Atualmente, a biografia é um gênero de escrita em que transitam jornalistas, historiadores e ficcionistas com seus estilos e objetivos específicos. Na historiografia, particularmente, a biografia teve seus altos e baixos. Foi coqueluche dos historiadores positivistas entre os séculos XIX e XX por permitir que a história fosse retratada como a História dos “grandes homens”. Porém, com o surgimento da História analítica e estrutural no início do século XX, foi relegada à condição de gênero de segunda classe. Na década de 1980, a última geração da Escola dos Annales retomou o interesse na biografia como método de investigação e escrita da História. Nesse cenário, grandes nomes da História Cultural francesa, como os historiadores Georges Duby e Jacques Le Goff, tanto teorizaram sobre o assunto quanto escreveram obras biográficas. Notáveis nesse aspecto são: de Jacques Le Goff, as biografias de São Francisco e de São Luis, e, de Georges Duby, a de Guilherme Marechal.¹ No entanto, mesmo nessa escola historiográfica, a biografia continuou a seguir a tendência de se restringir aos “grandes homens”.

Em um famoso dicionário de Ciências Históricas, escrito por um dos adeptos da Nova História francesa no final da década de 1980, André Burguière, a biografia aparece mais ligada à Literatura que às Ciências Humanas, resgatada pela vontade totalizante da História de estudar todos os aspectos de uma sociedade. Para Burguière, a História não pode desprezar os “grandes homens”, pois, se os historiadores não conseguem explicar o passado somente pela análise da vida destes, por outro lado, não devem esquecer que eles foram testemunhas privilegiadas de seu tempo.²

Georges Duby, seguindo a mesma perspectiva, afirmou que o estudo do “grande homem” poderia ser tão revelador de um contexto histórico quanto o estudo dos acontecimentos e das estruturas. E, seguindo essa afirmativa, elaborou seu *Guilherme Marechal* como uma obra historiográfica, escrita em tom de narrativa de ficção, em que a vida do personagem central é usada como ilustração dos valores da cavalaria medieval e de suas estruturas sociais.

Por sua vez, a Micro-História, a História Vista de Baixo, a História Oral e a História Antropológica, utilizando a biografia como gênero de narrativa e fonte para análise histórica, têm fugido dos personagens célebres e priorizado as ditas “pessoas comuns”. Nessa opção historiográfica, destacam-se autores como a norte-americana Natalie Zemon Davis, cujas investigações de História Social da França moderna incluem a reconstrução das histórias de vida de pessoas comuns, como aquelas retratadas em sua obra-prima *O retorno de Martin Guerre*.³

Já o marxista inglês Eric Hobsbawm procura fundir investigação estrutural com biografias em *Pessoas extraordinárias*,⁴ em que trabalha com personagens anônimos, observando-os sempre no contexto dos grupos sociais dos quais faziam parte, preocupado em conhecer sua influência na transformação das sociedades.

Enquanto isso, os trabalhos dos italianos Giovanni Levi e Carlo Ginzburg com Micro-História popularizam a análise do microcosmo social. Nessa abordagem, o indivíduo, em geral vindo dentre os anônimos das camadas populares, é o foco principal da História. Nenhuma obra exemplifica melhor esse grande interesse no personagem do povo como protagonista do enredo histórico do que o clássico moderno de Ginzburg, *O queijo e os vermes*:⁵ uma análise do mundo renascentista italiano a partir da história única de Menocchio, um moleiro letrado preso nas malhas da Inquisição. Enquanto a abordagem materialista de Hobsbawm prefere enfatizar estruturas sociais e econômicas, a Micro-História de Ginzburg privilegia as mentalidades.

Seja qual for o objeto, “personagem célebre” ou “pessoa comum”, a biografia tomou forma como campo privilegiado da historiografia. Todas as correntes dessa retomada vêm influenciando os historiadores no Brasil. Um marco foi a publicação da segunda edição revisada do *Dicionário histórico e biográfico brasileiro*, pela Fundação Getúlio Vargas em 2001; projeto monumental que cataloga os principais personagens da História política Brasileira no século xx.

Mas a biografia nunca esteve longe do nosso mercado editorial. No Brasil, ela permaneceu principalmente como gênero jornalístico por muito tempo e com muito sucesso de público.⁶ O sucesso das biografias jornalísticas somou-se, no final do século xx,

à retomada do interesse dos historiadores pelo gênero, produzindo coleções de biografias, lançadas por diferentes editoras brasileiras. Em geral, essas obras enfocam personagens célebres, considerados únicos e geniais, marcantes em seus períodos históricos. Nelas, os historiadores optam por uma abordagem em que, por meio da história de vida do retratado, é possível visualizar traços característicos do período histórico em que o mesmo viveu. Talvez o melhor e mais bem-sucedido exemplo desse tipo de abordagem seja *Chica da Silva e o contratador dos diamantes*, de Júnia Ferreira Furtado, lançado em 2003. Nesse livro, a historiadora mineira traça um abrangente e detalhado perfil da sociedade mineradora colonial, das relações entre senhores e escravos e das questões de gênero no século XVIII, tendo como foco principal a vida da célebre Chica da Silva.

Essa biografia de Chica da Silva exemplifica ainda uma certa preocupação de muitas das novas biografias escritas por historiadores, que é não apenas narrar a história e vida do personagem em questão, mas, quando essa vida está entrelaçada por mitos, discutir também o próprio processo historiográfico que os mitificou. Por outro lado, enquanto algumas obras estudam a vida de líderes políticos de grande projeção, como Mao, outras analisam personagens que lideraram grupos sociais “não-vencedores” como Zumbi, no Brasil, ou o índio apache Gerônimo, nos Estados Unidos.⁸

Em torno desse debate, o interesse na biografia relaciona-se a uma questão fundamental para os historiadores: qual o papel do indivíduo na história? O indivíduo é somente a soma dos elementos de sua cultura e sociedade, ou ele é capaz de modificar seu contexto? Perante essa questão, fica-nos o meio-termo como resposta mais crível: os condicionamentos sociais, sofridos por todo ser humano, são fatores importantes na definição das histórias de vida. E, pertencendo a um mesmo grupo social em um mesmo momento histórico, diferentes indivíduos podem partilhar “lances de vida” semelhantes. Porém, como defende a historiadora Vavy Pacheco Borges, sempre parece existir algo de indeterminação na vida dos indivíduos, fazendo com que não haja um comportamento padrão para todos os sujeitos de um mesmo grupo social.⁹

Biografia e ensino

O trabalho com biografias em sala de aula se justifica por duas razões principais: o forte apelo que esse gênero exerce sobre o público leigo e o papel que a biografia pode desenvolver como representação do contexto histórico ao qual pertence o biografado.

O interesse na vida particular é um gosto adquirido por muitos, o que faz da biografia um gênero literário popular. Além disso, uma boa dose de veneração ao herói, comum a todas as sociedades, está por trás do interesse tanto em obras cinematográficas e literárias sobre personagens históricos¹⁰ quanto sobre celebridades midiáticas. Esse caráter popular é o primeiro dos atrativos da biografia como instrumento de ensino de História: ela se apresenta como um meio que facilita a discussão histórica ao despertar a curiosidade dos alunos porque fornece nomes e faces aos processos históricos. Ou seja, a biografia personaliza a História que enfoca estruturas e processos amplos. E, em uma sociedade em que a individualização está por toda parte, associar contextos históricos a personagens que os alunos possam nomear, dos quais possam se recordar, é fornecer as ferramentas mais básicas para que esses estudantes possam conhecer e, mais importante, se interessar por esses momentos históricos.

Não se trata, portanto, de desenterrar a velha História dos “grandes homens”. Pelo contrário, trata-se de somar à História Social e Cultural, ou seja, estrutural, como em geral é trabalhada no Brasil, as biografias de personagens comuns e também de líderes e artistas que atuem como representações de seus períodos históricos.

Considerando essa trajetória de valorização da biografia na escrita da História, perguntamos então como utilizá-la no dia-a-dia da sala de aula.

Sugestões de trabalho em sala de aula

Não é difícil, ao estudarmos sobre um determinado período histórico, nos defrontarmos com personagens cujo carisma atrai a

atenção. Na História Política torna-se mais fácil perceber os rostos e nomes dos indivíduos, em geral os líderes, mas não apenas nela. A História Cultural e Social está repleta de artistas e criadores carismáticos, cujos nomes são mencionados no meio de listas de fatos e recortes de estruturas históricas: os artistas do Renascimento, os líderes das independências e os grandes ditadores são exemplos. Mas a simples menção a nomes de indivíduos dificilmente se caracteriza como trabalho com biografias. Esse trabalho requer uma seleção e aprofundamento nas vidas escolhidas.

A seleção dos personagens e biografias depende basicamente de dois elementos principais: o interesse do professor em conjunção com os interesses e realidades específicas de seus alunos, e a disponibilidade de obras e dados biográficos sobre os personagens escolhidos. De nada adianta escolher personagens sobre os quais não existem informações. Além disso, somente o diálogo de cada professor, com seu conteúdo programático e interesses específicos de cada turma, pode definir que períodos e personagens são interessantes para serem abordados.

Uma vez feita a escolha, o próximo passo é definir como a biografia elegida será trabalhada, ou seja, escolher a abordagem apropriada. E a abordagem também precisa ser pensada de acordo com o objetivo do professor. Assim, uma biografia pode ser trabalhada:

- como introdução a um período histórico selecionado. Por exemplo, ao iniciar um conteúdo como a História da África Medieval, podemos começar apresentando aos alunos a vida de Mansa Mussa, o mais famoso rei do Mali, cuja trajetória, envolta em lendas, serve ao mesmo tempo de prefácio e chamariz para o estudo do Sudão medieval.
- como ilustração do contexto histórico do personagem. Se considerarmos que a vida de todo indivíduo é representativa das estruturas nas quais está inserido, podemos tomar uma biografia para discutir determinado contexto histórico na medida em que trabalhamos esse contexto. Por exemplo, a vida de Cervantes está repleta de fatos que a tornam um perfeito espelho do “século de ouro” espanhol.

Ainda com relação à metodologia de trabalho, vale lembrar que a história de vida de personagens históricos se presta muito bem também para uma abordagem interdisciplinar com a Literatura, o Cinema e mesmo os Quadrinhos. Nesse caso, os professores de História precisam trabalhar em sintonia com os das outras matérias.

Observando o conteúdo programático de História em geral trabalhado no Brasil, podemos propor alguns exemplos de biografias para sala de aula.

Cervantes

Se consideramos que, ao seguir a vida de um personagem, qualquer personagem, seguiremos inevitavelmente o curso da história em sua época, ao tratar, por exemplo, do Império Espanhol, podemos escolher fazer isso a partir da vida de Cervantes, pois, mais do que expoente maior das letras na Espanha renascentista barroca, Cervantes foi uma ilustração viva do cotidiano e das estruturas do próprio Império: Foi soldado de Felipe II contra o Império Turco, foi funcionário da Invencível Armada organizada pelo mesmo rei contra a Inglaterra, foi prisioneiro dos turcos em Argel e dos espanhóis em Madri, foi letrado empobrecido e desprestigiado, e desafeto de Lope de Veja, um dos maiores dramaturgos do “século de ouro”.

A análise da Espanha imperial em conjunção com a vida de Cervantes tem ainda o mérito de permitir, através de uma abordagem interdisciplinar, a discussão de sua obra, considerada hoje o mais importante romance do Ocidente, o *Dom Quixote*.

Hitler e Erich Maria Remarque

A seleção dos personagens a serem trabalhados depende das variáveis que já expusemos, mas a maioria dos temas que compõe o conteúdo programático de História do Brasil e de História Geral oferece alguma opção para essa abordagem. Os chamados *grandes líderes* são as escolhas óbvias, mas não necessariamente as melhores. Assim, ao inserir biografias em um assunto como a Segunda Guerra

Mundial, um personagem como Hitler, exemplo maior do debate em torno da importância do indivíduo sobre as estruturas e fatos de uma época, torna-se uma opção viável pelas muitas possibilidades de discussão que sua biografia oferece. Sua biografia pode ser uma ponte para o contexto cultural do entreguerras: o anti-semitismo e o cenário artístico da Alemanha e da Áustria. Mas é possível ainda fazer um paralelo com outras biografias, escolhendo, por exemplo, soldados anônimos que, como Hitler, participaram dos conflitos da Primeira Guerra, mas que seguiram rumos bem distintos.

A comparação com as vidas de outros egressos dos *fronts* pode ser feita a partir da obra de Erich Maria Remarque, *Nada de novo no front*,¹¹ romance biográfico que conta as agruras de um soldado alemão na Primeira Guerra Mundial, o qual teve nessa guerra uma trajetória similar a do ditador.

Essa proposta tem o benefício de trabalhar um “grande líder” em paralelo com um personagem digno da “história vista de baixo”, além de dar uma oportunidade de associar História e Literatura.

Che Guevara

Muitos personagens históricos não são apenas famosos, são míticos. A discussão em torno das apropriações contemporâneas da vida de um personagem histórico pode ser um bom motivo para selecionar determinada biografia para sala de aula, pois permite que os alunos vejam a própria narrativa histórica como algo em constante mutação de acordo com distintos interesses no presente.

O caso de Guevara é exemplar. Em torno de seu nome existe um intenso debate. Herói máximo de uma esquerda latino-americana socialista que proliferou entre as décadas de 1960 e 1990, a imagem de Che como revolucionário se tornou icônica ainda em vida, e após sua morte foi transformada em símbolo maior dos opositores dos regimes militares latino-americanos. Se as ditaduras militares passaram, assim como a esquerda tradicional em quase toda a América Latina, a imagem de Che, no entanto, continuou. Virou ícone *pop* em camisetas, bonés, tatuagens e uma infinidade de

produtos da sociedade de consumo. Além disso, foi revisitado por uma imprensa de direita, que considera sua imagem de guerrilheiro idealista e aguerrido como uma farsa e sua vida de revolucionário como uma série de fracassos. Mas também foi revisitado por novos intelectuais e artistas, que reconstruíram-no, tornando o personagem mais humanista. Exemplo é o filme do diretor brasileiro Walter Salles, *Diários de motocicleta* (2004).

Além disso, Che ainda ressurgue na mídia, de tempos em tempos, fazendo com que seu nome e seu rosto sejam associados por muitos estudantes ao processo de revoluções socialistas e contra-imperialistas que, em meados do século xx, estourou na América Latina.

Essas constantes reaparições podem inspirar um exercício para a sala de aula, no qual as várias versões sobre sua vida são confrontadas, levando os alunos a perceber a não-neutralidade de narrativas históricas, ou seja, os “usos da História”. Com isso, também adquirem maior clareza e consciência dos critérios existentes e elegíveis para a escolha dos próprios heróis.

Mansa Mussa e outros personagens da História da África

Os mitos e heróis históricos, a relação dos “grandes homens” com as “pessoas comuns” na história e a própria indagação de se o indivíduo é ou não totalmente determinado pelas estruturas são temas fundamentais ao se trabalhar com biografias junto aos estudantes. Entretanto, o cerne da proposta da biografia como instrumento para o ensino de História é seu valor enquanto forma facilitadora na aproximação dos alunos com a herança histórica da humanidade. Assuntos áridos dos programas de História brasileiros tornam-se mais simpáticos quando associados a pessoas de carne e osso. E nenhuma área dessa disciplina exemplifica isso melhor do que o recente despertar para a História da África no Brasil.

O conteúdo programático associado ao ensino de História da África não é apenas amplo, mas quase que totalmente desconhecido dos professores, o que torna duplamente difícil seu trabalho em sala. Espera-se que o professor desperte o interesse dos alunos para um

assunto que muitas vezes nem ele conhece bem. E aqui fica uma sugestão didática: partir de uma biografia.

Abordar, por exemplo, os impérios medievais do Sudão Ocidental, como o Gana e o Mali, trabalhando a partir de figuras como Mansa Mussa torna o conteúdo mais acessível. Mussa foi o rei do Mali que no século XIV realizou uma peregrinação para Meca, deixando uma imagem de opulência digna das *Mil e uma noites* no mundo islâmico. Com essa peregrinação ele escreveu seu nome e o de seu reino nos anais do Islã medieval. Sua caravana era composta por milhares de pessoas, entre servos, concubinas e nobres, além de camelos carregados com toneladas de ouro. Seu objetivo era impressionar e, através desse estratagema, estabelecer novas rotas comerciais para o Mali. E ele conseguiu: sua estada no Cairo desvalorizou a moeda egípcia; seu nome ficou associado ao ouro no Islã e na Europa medieval, e diversos são os relatos sobre sua corte e seu Império.

Ao relacionarmos as estruturas e contextos específicos do Mali medieval com personagens como Mansa Mussa (ou Sundiata Keita, fundador do Império e personagem de uma das mais famosas epopéias da África Ocidental), tornamos um período da História Africana, que nos parece tão distante, mais familiar e acessível.

Muitos outros personagens estão à nossa disposição quando se trata de História Africana: Nzinga Mbandi, rainha do Ndongo, hoje Angola, que ofereceu ferrenha resistência à expansão portuguesa no século XVII; Chaka Zulu, rei dos temíveis guerreiros zulus, da atual África do Sul, que no século XIX conseguiu derrotar o poderoso Império Britânico; e muitos outros.

Francisco Felix de Souza: mercador de escravos

Mas nem só de líderes e artistas famosos vive a história biográfica. Em temáticas como a Escravidão no Brasil, pesquisas recentes têm tentado reproduzir o cotidiano de homens e mulheres forros e escravos através de suas histórias de vida. E, através delas, compreender melhor o próprio cotidiano da escravidão. Nesse sentido, autores como Pierre Verger (com seu *Os libertos: sete caminhos na*

liberdade de escravos na Bahia do século XIX)¹² e Alberto Costa e Silva (com *Francisco Felix de Souza: mercador de escravos*)¹³ oferecem aos professores narrativas absorventes, em tom de romance histórico, sobre personagens até então anônimos.

A narrativa da vida de Francisco Felix de Souza, o Chachá, baiano sem vintém que se tornou um grande mercador de escravos na África, faz com que os alunos ingressem nas tramas e complexidades da escravidão. Através dela exploramos o fato de que os traficantes de escravos tinham uma origem étnica bem diversificada, não se limitando aos brancos portugueses: Chachá era colono mestiço (ainda que não saibamos mestiço de que), de origem pobre na Bahia, radicado em Ajudá, na atual Nigéria, tendo provavelmente chegado lá como comerciante ou pequeno funcionário e ascendendo socialmente a ponto de se tornar uma importante liderança entre os comerciantes portugueses de escravos naquela parte do mundo.

Entrelaçado com a vida de Chachá está o retrato de Ajudá e da situação política no golfo do Benin, no século XVIII, com destaque para o reino africano do Daomé e as tramas políticas em torno do tráfico de escravos na África.

Sugestões bibliográficas

Muitas são as leituras disponíveis no Brasil acerca da biografia e sua relação com a História e as Ciências Humanas em geral. Sugerimos que o professor, antes de mergulhar nas vidas de seus personagens selecionados, faça alguma leitura teórica introdutória a esse gênero de narrativa literária e historiográfica.

Para essa primeira aproximação, o artigo de Vavy Pacheco Borges em *Fontes históricas*,¹⁴ “Grandezas e misérias da biografia”, funciona como introdução geral. Nesse texto, a autora apresenta um panorama abrangente do que é a biografia, sua relação com a historiografia, focando, por fim, o processo de produção de biografias historiográficas. Trabalho básico para a compreensão das discussões teóricas em torno do tema.

Além disso, alguns dos estudos mais clássicos sobre biografia na História estão acessíveis em português: Giovanni Levi e Pierre Bourdieu, por exemplo, publicaram textos definitivos sobre o tema na obra *Usos & abusos da História Oral*.¹⁵

Saindo da teoria e partindo para os relatos biográficos propriamente ditos, encontramos à disposição do professor um variado leque de biografias no mercado editorial brasileiro.

A coleção *Breves biografias* inclui narrativas sobre a vida de Joana D'Arc, Leonardo Da Vinci, Dante, Napoleão, Mozart e Buda. São obras de ensaístas e escritores, em geral de língua inglesa, além de historiadores de renome como Karen Armstrong e Peter Gay, que abordam as vidas de personagens consagrados pela História ocidental em linguagem simples e formato acessível.¹⁶

Também a coleção *Perfis brasileiros* trata de personagens consagrados, porém, nesse caso, o foco são grandes líderes da história brasileira, como Nassau, Getúlio e D. Pedro II, além de pensadores como Castro Alves. Todos revisitados por alguns dos maiores historiadores brasileiros, como José Murilo de Carvalho e Evaldo Cabral de Mello.¹⁷

Mas os exemplos se multiplicam, razão pela qual selecionamos uma pequena lista de obras disponíveis em língua portuguesa, para aqueles que desejam começar a navegar pelo tema a partir das narrativas mais saborosas:

- Júnia Ferreira Furtado, *Chica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

Obra historiográfica que traz os resultados de uma pesquisa de fôlego sobre a escrava mais famosa da história do Brasil, relacionando os fatos da vida de Chica com o contexto da sociedade mineira do século XVIII, o cotidiano da escravidão, as possibilidades de ascensão social. Não deixa também de discutir os mitos em torno da personagem, explorados pela historiografia, literatura e cinema.

- Jorge Castañeda, *Che Guevara: uma vida em vermelho*, São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

Obra-prima do autor mexicano especializado em esquerdas da América Latina, sobre a vida e o mito de Che. Nesse livro, o historiador não ape-

nas segue a vida de Guevara e sua vinculação com a Revolução Cubana, mas também os mitos construídos em torno de seu nome, em vida e pós-morte. Um bom trabalho pode ser feito com a discussão paralela dessa obra com o filme de Walter Salles, *Diários de motocicleta*, de 2004.

- Alberto Costa e Silva, *Francisco Felix de Souza: mercador de escravos*, Rio de Janeiro, UERJ/Nova Fronteira, 2004.

Obra belamente traçada, em que o autor, o maior especialista brasileiro em História da África, conta, em estilo que mescla narrativa literária, relato pessoal e descrição histórica, a história desse personagem que foi um dos maiores mercadores de escravos do Brasil. Através da vida de Chachá, Costa e Silva expõe as contradições da escravidão e o cotidiano da Bahia e do Daomé no século XVIII.

- Georges Duby, *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*, Rio de Janeiro, Graal, 1988.

Nesta obra-prima, o famoso historiador francês compôs um trabalho pioneiro de biografia histórica, escrita totalmente como novela de ficção, mas baseada em extensa pesquisa sobre a sociedade cavaleiresca francesa medieval e trazendo como cenário as estruturas desse momento histórico.

- Jacques Le Goff, *São Francisco de Assis*, Rio de Janeiro, Record, 2005.

Jacques Le Goff, um dos maiores historiadores do Ocidente e grande expoente da Nova História francesa, apresenta uma biografia do fundador da ordem franciscana, desenhando o cenário da Itália na transição do século XII ao XIII, discutindo a situação da Igreja Católica e da religiosidade popular, assim como a transição do feudalismo para o capitalismo. Além disso, o historiador, fascinado pelo personagem, tenta relacionar a obra de Francisco de Assis com preocupações bem pertinentes a nossa própria sociedade, como o ambientalismo, o materialismo e mesmo o feminismo.

- Roy Glasgow, *Nzinga*, São Paulo, Perspectiva, 1982.

Roy Glasgow traça a história do Ndongo, reino que fundamentou as bases da atual Angola no século XVII, através da vida de sua regente mais famosa, Nzinga Mbandi. Nzinga governou seu reino e seu povo contra a expansão portuguesa na África Central, tendo imensa repercussão sobre a própria história do Brasil ao dificultar o tráfico de escravos feito pelos portugueses. Seu nome hoje está associado à resistência anticolonialista africana, e em torno dele diferentes mitos foram construídos. O historiador apresenta uma visão simples e abrangente da rainha, seu período e sua sociedade.

Materiais alternativos

Uma proposta paralela é a utilização de materiais alternativos – romances, quadrinhos, filmes – para atrair a atenção do aluno para as biografias. Nesse sentido, trazemos algumas sugestões de trabalho que relacionam biografias e arte em perspectiva interdisciplinar:

- O romance do escritor colombiano ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, Gabriel García Márquez, *O general em seu labirinto* (Record, 1997), narra a vida de Simon Bolívar, numa leitura irônica do final da vida do chamado Libertador, em linguagem agradável e acessível. A leitura desta obra pode, inclusive, fomentar discussões sobre o atual cenário político na América do Sul, ao fornecer elementos para um diálogo com o discurso político de Hugo Chavez na Venezuela.
- As “biografias em quadrinhos” de *Sundiata* (Companhia das Letras, 2004), fundador do Império do Mali, escrita e desenhada por Will Eisner, um dos maiores autores de quadrinhos de todos os tempos, e de *Buda* (Conrad, 2005), por Osamu Tezuka, são dois bons exemplos de uma forma de narrativa atraente, de fácil assimilação e repleta de possibilidades para o professor de História.

A obra do norte-americano Eisner conta a lenda clássica de Sundiata, fundador do Império Africano do Mali no século XIII. Sua leitura pode ser trabalhada em consonância com outras mídias, como o filme *Kiriku e a feiticeira* (dirigido por Michel Ocelot, 1998), animação francesa que apresenta uma versão de outra lenda da África Ocidental. A conjugação dessas mídias já bem familiares aos estudantes pode facilitar a introdução da História da África em sala de aula de ensino médio e fundamental.

Por sua vez, o *mangá* (história em quadrinhos japonesa) *Buda*, de Osamu Tezuka, desenhista e escritor que revolucionou essa forma de arte no Japão, não apenas trata de Siddhartha Gautama, mas procura recriar sua sociedade, inclusive inserindo diversos personagens paralelos que en-

carnam pessoas de todos os grupos sociais. Além de belamente concebida, a obra, que trafega entre o drama, o humor e a aventura, tem o mérito de trazer uma visão não ocidental de um personagem histórico de grande influência no mundo moderno, em uma linguagem facilmente compreensível para os alunos.

Considerações finais

Tomando como referência os debates historiográficos e construindo uma discussão interdisciplinar com obras das mais diversas mídias, podemos tornar viável e dinâmico o trabalho com a biografia em sala de aula. Considerando a biografia em seu conceito mais simples, de história de uma vida, tomamo-la em sua função mais direta: fazer com que essa vida em particular espelhe o contexto histórico no qual viveu o personagem. Ou seja, a biografia tem seu valor principal para a História como representação de um período histórico. Isso, no entanto, sem menosprezar seu valor *pop*, pois esse é seu maior atrativo para o público leigo, ao criar paralelos com o interesse cotidiano pela “vida dos outros”.

Então, ao professor que aceitar o desafio de levar de volta as biografias para a sala de aula fica a tarefa principal de selecionar as biografias e biografados que acredita úteis. Seleção que depende principalmente da relação que fará entre o conteúdo programático, as obras de referência disponíveis e a realidade de seus alunos. Isso considerado, achará revigorante seguir, junto com seus estudantes, o dia-a-dia e as reviravoltas nas verdadeiras aventuras desses atores históricos.

Notas

- ¹ Jacques Le Goff, São Francisco de Assis, Rio de Janeiro, Record, 2005; São Luis, Rio de Janeiro, Record, 1999. Georges Duby, Guilherme Marechal, Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- ² André Burguière, Dicionário das Ciências Históricas, Rio de Janeiro, Imago, 1993.
- ³ Natalie Zemon Davis, O retorno de Martin Guerre, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- ⁴ Eric Hobsbawm, Pessoas extraordinárias, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

- 5 Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- 6 A valorização de narrativas biográficas pelo público de leitores brasileiros é constante, como demonstram os sucessos de obras como *Olga* (Companhia das Letras), lançada em 1985 pelo jornalista Fernando Morais. Morais é hoje um dos maiores nomes do jornalismo brasileiro, tendo dado forma ao jornalismo literário, principalmente com suas biografias de personagens históricos. Além de *Olga*, em que retrata a vida e a morte de Olga Benário Prestes, judia comunista presa pelo governo Vargas e deportada para os campos de concentração nazista, sua obra inclui *Chatô: o rei do Brasil* (Companhia das Letras, 1994), em que, através da vida de Assis Chateaubriand, reconstrói o *boom* da grande imprensa brasileira tendo como pano de fundo os fatos que definiram a história do país na primeira metade do século xx. Digno de nota também é seu *Corações sujos* (Companhia das Letras, 2001), no qual o escritor mergulha no mundo das sociedades secretas observando a atuação de uma sociedade secreta japonesa no Brasil da Segunda Guerra Mundial. Em todas essas obras, o autor segue as trajetórias de vida de vários personagens históricos, dos muito conhecidos aos antes anônimos, e a partir dessas vidas reconstrói os cenários históricos. Todas as suas obras logo se tornaram grandes *best-sellers*, em um sucesso constante que ilustra o igualmente constante interesse dos leitores brasileiros nas biografias. E, mais do que isso, com um recente diálogo com o cinema, esse interesse ultrapassou o público de leitores, atingindo outros grupos.
- 7 Júnia Ferreira Furtado, *Chica da Silva e o contratador dos diamantes*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- 8 Ver Jung Chang e Jon Halliday, *Mao: a história desconhecida*, São Paulo, Companhia das Letras, 2006. Já Zumbi e Gerônimo podem ser encontrados respectivamente em Joel Rufino dos Santos, *Global*, 2006; e Gerônimo: uma autobiografia, Porto Alegre, L&PM, 1994.
- 9 Vavy Pacheco Borges, “Grandezas e misérias da biografia”, em Carla B. Pinsky (org.), *Fontes históricas*, 2.ed., São Paulo, Contexto, 2006.
- 10 Biografias são temas de filmes brasileiros de sucesso de público como *Carlota Joaquina, a princesa do Brasil* (1994) e *Olga* (2004).
- 11 Erich Maria Remarque, *Nada de novo no front*, Porto Alegre, L&PM, 2004.
- 12 Pierre Verger, *Os libertos: sete caminhos na liberdade de escravos na Bahia do século XIX*, Salvador, Corrupio, 1992.
- 13 Alberto Costa e Silva, *Francisco Felix de Souza: mercador de escravos*, Rio de Janeiro, UERJ/Nova Fronteira, 2004.
- 14 Vavy Pacheco Borges, “Grandezas e misérias da biografia”, em Carla B. Pinsky (org.), *Fontes históricas*, 2.ed., São Paulo, Contexto, 2006.
- 15 Giovanni Levi, “Usos da biografia”, e Pierre Bourdieu, “A ilusão biográfica”, em Marieta Moraes Ferreira e Janaína Amado (orgs.), *Usos & abusos da História Oral*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- 16 Mary Gordon, *Joana D’Arc*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001. Paul Johnson, *Napoleão*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2003. Karen Armstrong, *Buda*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001. Peter Gay, *Mozart*, Rio de Janeiro, Objetiva, 1999.
- 17 Evaldo Cabral de Mello, *Nassau: governador do Brasil holandês*, São Paulo, Companhia das Letras, 2006. Boris Fausto, *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*, São Paulo, Companhia das Letras, 2006. José Murilo de Carvalho, *Dom Pedro II: ser ou não ser*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007. Alberto da Costa e Silva, *Castro Alves: um poeta sempre jovem*, São Paulo, Companhia das Letras, 2006.